

Percursos da Independência

Escreve **Sílvio Pedrosa**

A nossa independência representa, antes de tudo, o coroamento de uma aspiração então dormente no ímo dos brasileiros.

O despotismo português, o opróbrio, a punição de morte, a restrição da imprensa, foram os motivos que arrastaram os brasileiros a uma série de rebeliões. Rebeliões de alto significado, porque traduziam o brado de revolta de um povo infenso ao guante de um poderio nefasto, e articulado por espíritos solertes. Longe de ser uma idéia brotada, florescida de um dia para outro, ela constitui um assunto todo especial e que carece de considerações.

Pensemos no Brasil de outrora, nos primeiros séculos de sua formação, quando então a nossa Pátria não passava de um feudo de Portugal. Os brasileiros de então, através de movimentos revolucionários, ofereciam provas de que aspiravam, a todo custo, a tão decantada — independência.

A 16 de julho de 1720, em Vila Rica, estoura uma revolta visando a implantação da República, tendo por cabeça o denodado Felipe dos Santos. E

ninguém ignora o destino cruel reservado àquele herói sem mácula, para o qual a História Pátria não cumpriu o resgate de uma homenagem devida. Felipe dos Santos, na situação de chefe dos revoltosos, teve a sua liberdade cerceada, sendo levado à presença do governador de Minas, D. Pedro de Almeida, conde de Assumar. Na situação de condenado e sob as vistas de altas autoridades, Felipe dos Santos deu a entender que desconhecia o servilismo e as suas últimas palavras encerraram um libelo ardente, entremeado da mais respeitável altivez. Sabendo o que estava reservado à sua pessoa, isto é, ser esquartejado vivo por 4 cavalos bravios, conservou até o último instante a mais viva e íntegra coragem que um ente humano pode oferecer aos pósteros.

— “Morro sem me arrependido do que fiz e certo de que a canalha do rei há de ser esmagada pelo patriotismo dos brasileiros”, disse Felipe dos Santos, o verdadeiro protomártir da independência. Posteriormente, estudantes brasileiros, por intermédio de in-

tercâmbio com povos de alémar, foram se inteirando das idéias luminosas defendidas por grandes enciclopedistas e filósofos da velha Europa. Dentro dessa sequência o movimento nativista aumentava gradativamente. E, nesse estado de coisas, não demorou muito para surgir mais um pugilo de idealistas, ilaqueados por um sentimento indivisível, — por uma flâmula, cujo dístico encerrava um alto significado: “LIBERTAS QUAE SERA TAMEN”. Tratava-se da conjuração mineira, norteada por uma dezena de espíritos iluminados: poeta e advogado Cláudio Manoel da Costa, o ex-ouvidor Tomás Antonio Gonzaga; Alvarenga Peixoto; alferes de milícias Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e muitos outros. A conjuração mineira, ombreada com outras insurreições irrompidas no país e visando a liberdade nacional, traduz, com expressiva fidelidade, o espírito das armas brasileiras. A revolução pernambucana de 1817 constituiu, por sua vez, um lampejo de emancipação por parte dos brasileiros, ávidos de maior latitude de liberdade. Ninguém poderá negar que a imprensa, como lúdima orientadora da opinião pública, contribuiu poderosamente para o advento da data que hoje comemoramos. Volvamos as nossas vistas para o grande Joaquim Gonçalves Ledo, ardoroso tribuno, chefe da maçonaria brasileira, considerado a pena máxima da independência. Foi essa inteligência peregrina que, aliada ao preclaro sacerdote Januário da Cunha Barbosa, bradara sempre contra a politicalha dos lusos, por intermédio da vibrante publicação — REVÉBERO CONSTITUCIONAL.

Foi esse jornal que chegou a empolgar a opinião pública, contando ainda com a colaboração sensata do aclarado jornalista Evaristo da Veiga, considerado o patrono dos jornalistas do país. Ao lado do jornal de Joaquim Gonçalves Ledo, apareceram outros órgãos de nomes jocosos, sinão bizarros. O destemor desse intelectual, fê-lo insurgir-se contra o ministério Andrada, dando margem a um processo-crime de conspiração. Conta-se que Joaquim Gonçalves Ledo fugiu, envergando o hábito de padre. Entretanto, dentre as muitas pessoas que se fizeram solidárias às idéias daquele conspícuo beletista, destacava-se a figura de José Clemente Pereira. Percebe-se perfeitamente que os precursores da independência política são os muitos e todos eles pagaram caro o preço do ideal. Derramou-se muito sangue para escarmento dos rebeldes. Dentro deste tópico, reverenciemos a memória dos lúdimos precursores da independência: Felipe dos Santos, José Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes), Bernardo Vieira de Melo, Padre Miguel de Melo, Padre Miguel de Almeida (Miguelinho), Joaquim Gonçalves Ledo, Padre Januário da Cunha Barbosa, Evaristo Ferreira da Veiga e outros.

E agora... como fêcho destas modestas linhas, tecidas em torno de um tema tão elástico quanto importante, invoco a frase latina “AD AUGUSTA PER AUGUSTA”, isto é, às alturas pelos caminhos difíceis.